

DIVERSAS TEMPORALIDADES NOS DISCURSOS TELEVISIVOS SOBRE A MORTE: AFERIÇÕES SOBRE A TRAGÉDIA DA CHAPECOENSE NO JORNAL NACIONAL

MULTIPLE TEMPORALITIES IN TELEVISED DISCOURSES ON DEATH: REFLECTIONS ABOUT THE CHAPECOENSE TRAGEDY IN JORNAL NACIONAL

Michele Negrini*

RESUMO:

Este estudo tem como foco a realização de uma reflexão sobre as diversas temporalidades que perpassam a constituição dos discursos sobre a morte no Jornal Nacional, da TV Globo. Para tanto, vamos observar a cobertura do telejornal à tragédia com o voo da companhia aérea LaMia, ocorrida no dia 29 de novembro de 2016, que levava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol para a disputa da final da Copa Sul-Americana na Colômbia. Em nível teórico-metodológico, vamos acionar alguns olhares dos Estudos Culturais, através das perspectivas do gênero televisivo como categoria cultural e de estrutura de sentimento.

PALAVRAS-CHAVE: Temporalidade, morte, tragédia da Chapecoense.

ABSTRACT:

This following study focuses on reflecting upon the multiple temporalities pervading the constitution of discourses on death in Jornal Nacional, from TV Globo. Therefore, the study will center on the news coverage of the plane crash of LaMia aircraft on November 29, 2016, which carried the Chapecoense Football Association team to play the final of the Copa Sul-Americana in Colombia. On theoretical-methodological terms, we will analyse through the precepts of Cultural Studies, the perspectives of the television genre as a cultural category, and through the structures of feeling.

KEYWORDS: Temporalities, death, Chapecoense tragedy.

* Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). mmnegrini@yahoo.com.br

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Em pleno período de destaque em competições de futebol, o time da Associação Chapecoense de Futebol viajava para a Colômbia para disputar a final da Copa Sul-Americana. Quando estava nas proximidades do destino, o avião fretado da companhia boliviana LaMia caiu nas imediações do aeroporto José María Córdova. O avião transportava 77 pessoas, e 71 morreram. A tragédia com o time da Chapecoense teve grande repercussão no cenário brasileiro, ganhou espaço destacado nos veículos de comunicação e faz parte da memória televisiva de muitas pessoas quando o assunto é a aviação. Ressaltamos, entre alguns dos aspectos relevantes para tal destaque na imprensa, a quantidade de mortos e a condição inesperada das mortes, que interromperam um momento de ascensão nas vidas dos jogadores de um pequeno time brasileiro, que não possuía os maiores investimentos financeiros - e, portanto, não tinha os melhores atletas do mercado.

Desde as primeiras horas do dia da tragédia, 29 de novembro de 2016, os meios de comunicação fizeram ampla cobertura do desastre aéreo, convocando o olhar do público para o fato. Na seara dos canais de televisão, ao longo do dia, diversas informações foram transmitidas aos espectadores. E os telejornais acionaram, em seu espaço, diversos pontos sobre o acontecimento, entre eles: a retirada dos corpos e o resgate dos sobreviventes; a repercussão do acidente na cidade de Chapecó, no Brasil e no mundo; a tentativa de explicação para as causas da queda do avião; e o acompanhamento das informações sobre o estado de saúde das vítimas.

O Jornal Nacional (JN) fez uma grande cobertura¹ do fato e deu destaque às mortes ocorridas. A transmissão dessa tragédia e sua relação com a morte, no JN, foi permeada por elementos de distintas temporalidades, trazendo elementos da ordem do hegemônico em relação à produção telejornalística, mas também adentrando em searas que trazem informações novas e perspectivas oriundas de outros momentos do processo de produção de telejornal. Percebemos, por exemplo, que alguns valores jornalísticos e telejornalísticos que configuram uma ordem hegemônica no jornalismo brasileiro contemporâneo foram acionados.

A morte é uma temática dotada de complexidades. Concordamos com Simmel (1998) quando situa que ela é uma temática estrutural para o homem, pois ele só se compreende a partir do entendimento de sua condição de mortal. Como os seres humanos

são a única espécie que tem consciência da morte (RODRIGUES, 1983) e a certeza da condição da vida como finita, o reconhecimento sobre a primeira é um fator que marca as formas de delinear a segunda. A morte geralmente é acompanhada da realização de ritos, os quais são distintos, dependendo de questões relacionadas com características de cada cultura e, também, do período histórico em que ocorre. É um assunto que, normalmente, suscita diversos sentimentos por parte do homem, como tristeza, saudade e busca pela manutenção da lembrança do nome do falecido.

No âmbito da preservação do nome de quem morreu, concordamos com Rondelli e Herchmann (2000) quando acionam o ponto de vista de que os veículos de comunicação de massa estão se mostrando como “lugares de memória” e fazem a articulação de identidades regionais, nacionais, transnacionais e de outras. Para os autores, materiais midiáticos - como obituários, artigos que apresentam um resumo de trajetórias de vida, a exibição de funerais no espaço televisivo, programas voltados a homenagens etc. - são pontos para a discussão das fronteiras entre as memórias individuais e coletivas.

Tratando de memória e suas relações com a morte, cabe convocar o pensamento de Nascimento (2014, p. 14), que aborda que os meios de comunicação têm importância na formação da memória coletiva: “Na nossa sociedade atual, mediada, fortemente impactada pelos meios de comunicação, memória coletiva e mídia estão intimamente ligadas. Impossível falar de uma sem esbarrar na outra” (p.14). Os olhares de Rondelli e Herchmann (2000) e de Nascimento (2014) fazendo conexão dos meios de comunicação com a preservação da memória podem ser acionados para pensarmos nas práticas do telejornalismo em coberturas de morte, como foi o caso da queda do avião com o time da Chapecoense, que está sendo discutido neste artigo. Consideramos que, no acidente aéreo, a grande cobertura feita pelo JN se mostra como um espaço para manutenção dos nomes dos mortos na memória afetiva do público e na memória televisiva, pois a construção discursiva do telejornal se mostrou como um espaço de destaque para os mortos, de forma individual, e suas trajetórias de vida.

É importante mencionar que o reconhecimento que nos permite identificar o jornalismo e seus valores se vincula a culturas jornalísticas particulares - no caso aqui analisado, do Brasil -, e estes irão se relacionar às especificidades contextuais e ao modo de viver e compreender essas instituições. Destacamos, por exemplo, elementos relacionados às práticas e lógicas produtivas da Rede Globo, a relação do JN com o horário nobre da programação da TV aberta, além da autolegitimação do

telejornal reconhecido popularmente enquanto o dito jornalismo de referência. É deste modo que percebemos que os valores regimentam o telejornalismo brasileiro enquanto institucionalidades operantes em uma cultura. A morte é um elemento da vida, mas o que evidenciamos primordialmente nessa construção discursiva é a interrupção abrupta delas. Esse é um dos principais aspectos convocados na construção do discurso dessa morte no JN.

Assim, este estudo é voltado à reflexão acerca das temporalidades que perpassam as construções discursivas sobre a morte no Jornal Nacional. A perspectiva analítica vai adentrar nas edições dos dias 29 e 30 de novembro; e dia 1º, 2 e 3 de dezembro (edições da semana da tragédia). O trabalho vai se mostrar sob a égide dos Estudos Culturais. E a perspectiva teórico-metodológica se sustenta pela convocação do gênero televisivo como categoria cultural e da estrutura de sentimento - refletida por Raymond Williams.

Julgamos que os olhares dos Estudos Culturais são precípuos para o estudo da constituição dos discursos sobre a morte no Jornal Nacional por darem subsídios para a dispensa de um olhar para a finitude em relação à cultura e aos aspectos históricos. Estamos levando em consideração o pensamento, de Gomes (2007), de que o telejornalismo é uma construção social devido ao desenvolvimento em relação a uma formação econômica, social, cultural, e por ter funções importantes neste contexto. Também cabe apontar a validade dos Estudos Culturais por eles darem base para um estudo do telejornalismo como uma forma cultural e instituição social, como foi apontado por Raymond Williams (1997). Grosso modo, o telejornalismo é forma cultural porque é configurado a partir dos movimentos e processos da cultura, e é instituição social porque se coloca a partir das regularidades de discursos conformados socialmente. E também por ser um espaço marcado por lógicas e rotinas de produção televisivas e ter princípios de agregar informações à sociedade, demarcando um espaço de exercício de poder.

A tomada do gênero televisivo como categoria cultural, em associação à estrutura de sentimento como viés teórico-metodológico, dá subsídios para o olhar para a constituição dos discursos sobre a morte no Jornal Nacional e para a observação de que produtos da cultura, como o JN, são perpassados por elementos de diversas ordens e com matrizes provindas de momentos históricos distintos. Como diz Gutmann (2015):

Estrutura de sentimento e gênero como categoria cultural nos oferecem insumos para sustentar que formas expressivas que orientam o consumo midiático *são frutos de um contínuo processo de restauração e resignificação de convenções*. Tal pressuposto parece fundamental para um olhar sobre a TV que leve em conta relações entre textos e contextos e privilegie uma abordagem historicizada das emissoras, dos programas, dos gêneros televisivos, dos usos da linguagem, das narrativas, dando conta de suas distintas temporalidades (GUTMANN, 2015, p. 7-8, grifos nossos).

Para a ponderação sobre os discursos sobre a morte no Jornal Nacional, olhando para as diversas temporalidades, vamos acionar o pensamento de Mittell (2001) de que o gênero tem variações no decorrer do processo histórico e que é perpassado por relações de poder. Mittell (2001) aponta que questões históricas podem evidenciar as dinâmicas evolutivas do gênero. O autor também fala que o gênero pode se mostrar de forma estável, mas pode ter variações de uma cultura a outra. Além disso, os gêneros podem variar não apenas entre culturas, mas também como um movimento nela própria. Por conta dessa processualidade, levamos em consideração também o pensamento de Gutmann (2014) de que os gêneros funcionam em torno de um cenário de disputa, possuindo continuidades e rupturas. Cabe apontar que as transformações do gênero no decorrer do processo histórico implicam resignificações nas formas de narrar e de discursivizar a morte. Cabe destacar ainda que os discursos sobre o fim da vida são perpassados por relações de poder e que eles sofrem modificações de acordo com transformações culturais. Os modos do telejornal narrar e levar ao público um fato de morte não está desvinculado dos traços sociais e culturais e não podem ser vistos de forma separada das questões da cultura.

Como estamos adentrando no espaço da realização de uma análise focada na observação da constituição dos discursos sobre a morte no Jornal Nacional, observando as diversas temporalidades, a convocação da estrutura de sentimento se faz basal. A hipótese cultural dessa estrutura nos permite identificar que as experiências sociais se põem em solução, não em rigidez estática. Deste modo, o que é vivido também pode se transformar, já que as relações se complexificam. Isso porque a hegemonia se coloca enquanto uma totalidade complexa, um espaço de lutas e disputas sociais, e, portanto, não se dá em completa dominação. Nos processos de transformação, o que se modifica é a estrutura de sentimento: estrutura de percepção das relações convencionadas e em tensão; e sentimento como uma visão de mundo que é vivida e sentida.

OLHAR TEÓRICO-METODOLÓGICO: GÊNERO TELEVISIVO COMO CATEGORIA CULTURAL E ESTRUTURA DE SENTIMENTO

Consideramos, a partir de Mittel (2001), que os gêneros têm variações no decorrer do processo histórico e as questões históricas podem mostrar as dinâmicas evolutivas do gênero; e ainda que, em alguns momentos, um gênero pode se mostrar estável, mas pode operar de forma diferente em outra cultura ou outro momento.

No tocante à discussão sobre gênero, Gomes (2007) reconhece, juntamente com Raymond Williams, a existência de afinidades, em nível social e histórico, entre algumas formas culturais e as sociedades e momentos históricos em que estas formas têm efetivação. Em suas aferições, Gomes assinala que reconhece que o gênero se mostra como forma de situar a audiência televisiva no tocante a determinado programa, aos assuntos que são nele abordados e à forma como o programa destina os conteúdos ao público. O gênero dá respaldo para que ocorra a compreensão das regularidades e especificidades que se mostram em produtos configurados historicamente.

No pensamento de Gomes (2011a), é importante que o conceito de gênero vá além das fronteiras textuais, sem as negar ou recusar; e que, no processo comunicativo, permita que os elementos contextuais sejam observados. Para a autora, a tomada do gênero como uma categoria cultural dá respaldo para a construção de um processo analítico de estudo da televisão que considere uma visão mais global e complexa do processo comunicativo como um todo.

Ao refletir sobre gêneros televisivos, Gomes (2011a) destaca Jesús Martín-Barbero, apontando que ele é um nome fundamental na seara do assunto, devido a: “[...] pensar modelos comunicativos que abarquem a totalidade do processo, por sua concepção de gênero como estratégia de comunicabilidade e por considerar o caráter contingente e transitório do gênero e as distintas temporalidades que ele convoca” (GOMES, 2011a, p. 113). Ainda cabe destacar que Gomes aciona o pensamento de que Martín-Barbero vê o gênero como uma categoria cultural e que dá pistas importantes para estudos sobre as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade. As pistas apontadas por Martín-Barbero norteiam o entendimento do gênero, atravessado por movimentos sincrônicos e diacrônicos da comunicação e da cultura.

Mittell (2001), no texto “*A Cultural Approach to Television Genre Theory*”, argumenta que os gêneros operam no contexto da indústria, da audiência e das práticas culturais. Desta forma, não é só um programa o delimitador de seu gênero, mas são os discursos da produção e da recepção que vão situá-lo. Faz parte do pensamento do autor a ideia de que, para analisar um texto midiático, temos que levar em consideração o processo cultural (MITTELL, 2001).

Gomes (2007), ao refletir sobre programas telejornalísticos, aponta que os considera uma variação específica na programação televisiva e que eles compõem um gênero: programas jornalísticos televisivos, os quais comportam regras do campo jornalístico e, também, do meio televisivo. A autora cita os telejornais, programas de entrevistas e documentários como variações do gênero, situando-os como subgêneros.

Gomes e Araújo (2015, p. 11) acionam a perspectiva da virtualidade do gênero televisivo apontando que não será encontrado um exemplo de um em sua completude:

Ressaltamos que gênero televisivo é algo da ordem da virtualidade (DUARTE, 2004, p. 67), ou seja, não podemos encontrar por aí um programa que seja um exemplar cabal e completo de um gênero. Cada produto televisivo, enquanto atualização do gênero televisivo, contribui para construí-lo e é, sempre, um lugar em que marcas genéricas são negociadas e disputadas. Analisados sob a perspectiva do conceito de gênero, um produto ou conjunto de produtos são dispositivos que conectam historicamente matrizes da cultura a formatos da indústria do audiovisual e lógicas do sistema produtivo, com suas estruturas e suas dinâmicas, às competências de diversos grupos sociais.

Entendemos, pois, o telejornal como um subgênero televisivo e jornalístico que trabalha com os valores da profissão e com as lógicas e formatos televisivos de maneiras diferenciadas. O jornalismo, enquanto campo social, a construção telejornalística e a produção televisiva são complexos e dependem de elementos culturais e mediações subjetivas. No entanto, a produção jornalística tem respaldo em convenções e valores, que possuem sentidos sociais, configurados pela prática e pela formação jornalística. Destacamos que “as ações, situações e discursos são construídos e reconhecidos enquanto notícia porque se relacionam com temporalidades e práticas culturais da vida cotidiana”. (GUTMANN, 2012, p. 15)

Olhares sobre o gênero televisivo (GOMES, 2007) dão respaldo para reflexões sobre as narrativas da morte no telejornalismo enquanto construções discursivas que dependem de uma série de diferentes fatores para se configurar. Portanto, esses discursos

são tanto atravessados por estruturas reconhecidas, convencionadas e transformadas quanto perpassam os modos como vivemos essas estruturas. Daí trazemos a hipótese de estrutura de sentimento. Mota Júnior (2016, p. 65) assinala: “Com a hipótese cultural da estrutura de sentimento, Raymond Williams permite vermos elementos culturais que coexistem no interior de um determinado momento histórico para entender suas diversas temporalidades”. O conceito de estrutura de sentimento foi idealizado por Raymond Williams. Gomes salienta:

Acreditamos que a expressão estrutura de sentimento nasce de um duplo esforço, que tensiona toda a obra de Williams. De um lado, temos o esforço teórico-metodológico de rejeitar o determinismo marxista e empreender uma análise cultural que seja a análise da relação entre os elementos de um modo inteiro de vida; de outro, temos o esforço político de enfrentar o capitalismo [...] A articulação entre a mudança social e a mudança cultural é o desafio central que Williams quer enfrentar com a formulação da noção de estrutura de sentimento (GOMES, 2011b, p. 30).

Williams (1979, p. 134) aponta que o termo “estrutura de sentimento” tem uma complexidade, “[...] mas ‘sentimento’ é de ‘visão de mundo’ ou ‘ideologia’”. O autor explica o conceito como experiência social que está em processo. Metodologicamente, para Williams, a estrutura é uma hipótese cultural “[...] derivada na prática de tentativas de compreender esses elementos e suas ligações, numa geração ou período, e que deve sempre retornar, interativamente, a essa evidencia” (1979, p.135).

Gomes (2011b) explica que as visões de Williams para a realização de uma análise cultural estão associadas à concepção que ele tem sobre cultura. Assim, a lógica da estrutura de sentimento se articula como um recurso pensado por Williams para o entendimento da forma como cada um vive, mas sempre observando as relações sociais. A autora salienta que na obra *Marxismo e Literatura*, a estrutura é apresentada como uma hipótese cultural que permite a realização de reflexões sobre os diferentes elementos que compõem um modo de vida. Neste caso, estão interligadas as noções de dominante, residual e emergente. Gomes (2011b, p. 43) ressalta: “Dominante, residual e emergente são três categorias que Raymond Williams utiliza para descrever elementos de diferentes temporalidades e origens que configuram qualquer processo cultural”.

O dominante está relacionado, segundo Williams, com o hegemônico. Machado, Tomazetti e Moraes (2013) assinalam a perspectiva dominante como espaço de práticas, que estão consolidadas, referentes a uma cultura. O residual, explica Williams (1979), é

algo formado no passado, mas que ainda se mostra ativo no processo cultural, mostrando-se efetivo no momento atual. Já o emergente traz uma discussão mais complexa. Ele é caracterizado por Williams (1979, p. 125) como valores que estão sempre sendo criados, mas que irrompem como alternativas distintas ao elemento dominante:

Por “emergente” entendo, primeiro, que novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados. Mas é excepcionalmente difícil distinguir entre os que são realmente elementos de alguma fase nova da cultura dominante (e nesse sentido “específico da espécie”) e os que lhe são substancialmente alternativos ou opostos: emergente no sentido rigoroso, e não simplesmente novo. Como estamos sempre considerando relações dentro de processo cultural, as definições do emergente, bem como do residual, só podem ser feitas em relação com um sentido pleno do dominante.

TEMPORALIDADES NOS DISCURSOS DO JN SOBRE A MORTE

A finitude é assunto que permeia a história do jornalismo televisivo. E, da mesma forma que o Jornal Nacional foi se ressignificando no decorrer de seu percurso, as coberturas de mortes realizadas no telejornal foram incorporando marcas de diversas temporalidades. Para este estudo, vamos observar como se dá a construção dos discursos sobre a morte, levando em consideração questões de ordem da institucionalidade do jornalismo, como esses elementos se modificam quando articulados às distintas temporalidades, como estas questões influenciam nas mudanças do gênero e como isso reverbera nas formas de narrar a morte.

O Jornal Nacional, além de ser o telejornal mais assistido da TV aberta brasileira², constrói um modelo autorreferente de jornalismo hegemônico. Por ter a maior audiência, o JN assume o horário nobre e replica, portanto, o que há de maior referência da Rede Globo na relação com o telejornalismo.

De todas as definições possíveis de jornalismo, a que o Grupo Globo adota é esta: jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. Qualquer fato e qualquer pessoa: uma crise política grave, decisões governamentais com grande impacto na sociedade, uma guerra, uma descoberta científica, um desastre ambiental, mas também a narrativa de um atropelamento numa esquina movimentada, o surgimento de um buraco na rua, a descrição de um assalto à loja da esquina, um casamento real na Europa, as novas regras para a declaração do Imposto de Renda ou mesmo a biografia das celebridades instantâneas. O jornalismo é aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o

momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade. (REDE GLOBO, 2011)

Apesar de nos apresentar como conceito de jornalismo a ideia de que qualquer fato pode ser notícia, afirmamos que não é assim que a prática do jornalismo da Rede Globo se apresenta, especialmente do JN. As matérias televisivas possuem tempo de exibição, valores-notícia que as permeiam, além de outros fatores que devemos levar em consideração. Da mesma forma, não é qualquer morte que ocupa espaço no JN. São mortes de pessoas conhecidas, ou relacionadas a grandes eventos ou acontecimentos que ganham lugar de destaque, na relação com o valor de relevância e interesse público.

A tragédia da Chapecoense ocorreu envolta em duas questões de destaque: um assunto que é popularmente conhecido como a paixão nacional, o futebol, e uma tragédia com grande número de mortos.

A morte, em geral, já é um assunto que mobiliza a construção de um discurso mais emocional, por ser ligada ao sentimento de perda, de memória ou de legado. Tragédias aéreas anteriores desencadearam grande comoção no povo brasileiro e ganharam espaços destacados nos meios de comunicação e no Jornal N. No espaço midiático, em termos gerais, podemos dizer que é dominante a exploração da morte a partir desse lado mais sentimental, e a tragédia traz em si também um sentimento de vida interrompida. Alguns elementos acionados nas coberturas anteriores, como a exploração dos sentimentos de parentes e pessoas próximas às vítimas, a trajetória das vítimas ou as histórias surpreendentes dos sobreviventes deixam marcas em atuais coberturas de morte, como na queda do avião da empresa LaMia.

O JN do dia do acidente, ao evidenciar, na escalada, frases como “O Brasil perplexo e comovido” e “A dor de parentes e amigos”, assinala que vai acionar essa mobilização mais sentimental, traço que não é dominante nas notícias cotidianas. A sensibilização dos envolvidos em casos de morte é elemento convocado diversas vezes pelo Jornal Nacional em coberturas sobre a finitude humana - em alguns casos de forma mais evidente, como em situações de tragédia ou catástrofes. Percebemos, pois, que isso tem fortes relações com um sentimento de vida interrompida. E a observação deste ponto pode ser entendida como elemento já verificado em outras coberturas que envolvem mortes em tragédias aéreas. Na cobertura do JN do acidente com o *Airbus* da TAM, ocorrido em Congonhas, as emoções dos parentes das vítimas e da sociedade foram

esmiuçadas. Em um caso mais antigo, como o do incêndio do Edifício Andorinha, que ocorreu em 1986, no Rio de Janeiro, o JN acionou para o seu espaço a demonstração do lado emocional das pessoas frente à tragédia e à morte. Em reportagem apresentada pelo telejornal na época, a repórter parecia ser interpelada por medo e pânico no local do incêndio e demonstrou, em seu discurso, sensações que teve naquele momento. As fontes convocadas no breve vídeo observado, que encontramos na plataforma YouTube³, demonstravam pânico frente ao acontecimento e acionavam a possível sensibilização dos espectadores. E a postura do telejornal frente à tragédia e à morte manifestou, naquele momento, uma matriz no jornalismo policial. A dimensão do inesperado é convocada fortemente nessas construções discursivas, que suscitam, portanto, o lado mais instintivo, já que não se pode formular as consequências das ações em momento de forte emoção.

Ainda na primeira reportagem da edição de 29 de novembro de 2016 do Jornal Nacional, a introdução da matéria é feita por frases longas, proferidas pelos apresentadores do dia, Heraldo Pereira e Giuliana Morrone. E, nas palavras dos próprios apresentadores, os sentidos que remetem à emoção são construídos, algo que não é recorrente nos discursos cotidianos de apresentação dos fatos. Em relação à constituição do subgênero telejornal, as frases longas e o uso de adjetivos fogem aos princípios mais comuns dos manuais de redação de TV.

GIULIANA: O Brasil despertou hoje sob o impacto de uma notícia trágica, que abalou o esporte e o país inteiro, e que recebeu manifestações de solidariedade ao redor do planeta.

HERALDO: Essa foi uma tragédia que interrompeu um sonho. O avião que levava o time da Chapecoense para a sua primeira participação numa final da Copa Sul-Americana caiu numa área montanhosa, perto da cidade de Medellín, na Colômbia.

GIULIANA: Setenta e uma pessoas morreram. Dezenove eram jogadores. Jornalistas de vários veículos que acompanhavam a equipe também estão entre os mortos, inclusive, colegas queridos nossos, da TV Globo, e da nossa afiliada, a RBS.

Giuliana fala em tragédia que abalou o país. Heraldo aborda a interrupção de sonhos do time da Chape. Ela se refere aos colegas de profissão como queridos, e quando fala isso, está fazendo menção à humanização do relato jornalístico. Nesta edição, após a manifestação de sensibilidade, a apresentadora se levanta da bancada e vai até um telão, de onde conversa com a repórter Lilia Telles, que estava na cidade de La Ceja, na Colômbia. Telles fala ao vivo com Giuliana, mostrando fisionomia de tristeza e de

consternação. Giuliana não está enrijecida na bancada nos apresentando a informação; ela dialoga com mais perto das pessoas por meio dessa proximidade com as projeções no cenário. Diminui-se o seu poder de autoridade frente à informação quando ela se aproxima fisicamente, pelo recurso da imagem. A configuração atual do cenário do JN e essa performance dos apresentadores na interação com o cenário trazem maior possibilidade visual de apresentação da morte, dando aos rostos ou ao acontecimento contornos, de certa forma, ilustrativos das matérias narradas. A noção de pertencimento torna-se mais evidente, pois ao passo que os apresentadores falam das mortes, as pessoas que morreram podem estar ali, de alguma forma, representadas. A inserção do telão e o cenário mais amplo, com possibilidades de andar, significam modificações em relação ao formato tradicional do JN, que era embasado nos dois apresentadores sentados na bancada.

As tecnologias no telejornal têm sido instrumentos de suporte ao cotidiano da redação e servido como meio de dinamização das coberturas. A inserção do telão no cenário se mostra como um elemento que dá possibilidades para certa informalidade. No caso da conversa de Giuliana com Lilia através do recurso tecnológico, também passa ao espectador a ideia de proximidade da redação com o local do acontecimento da tragédia.

Na edição de 3 de dezembro, o repórter José Roberto Burnier - ao fazer a reportagem sobre a chegada dos caixões, a qual foi introduzida por Morrone e William Waack - também constrói os discursos convocando a perspectiva de demonstração de emoções dos envolvidos. Na reportagem, Burnier, com expressões que demonstram consternação e sensibilidade, enuncia: “Até nós, aqui, jornalistas, estamos com os corações batendo mais forte nesse momento, diante da proximidade da chegada do primeiro avião, um Hércules da Força Aérea”. A passagem do repórter, com a convocação de expressões como “com os corações batendo mais forte”, opera em um prisma que vem sendo construído no programa: a construção de um cenário da tragédia atravessado pelas emoções e afeto do público. Para dar mais ênfase ao tom de emoções que é acionado na matéria, Galvão Bueno é convocado para narrar a chegada dos aviões com os corpos. A personalidade é bastante significativa, já que Galvão é o principal narrador esportivo da Rede Globo e que trabalha apenas com as competições vulgarmente consideradas mais importantes, como os jogos da seleção brasileira de futebol. É como se aquelas vítimas estivessem tendo condições de ter a notoriedade no esporte, ao menos pela última vez. A narração de Bueno tem como fundo uma música instrumental e o barulho de avião:

“O Brasil inteiro acompanha, você acompanha, a chegada do primeiro avião com as vítimas”. Da mesma forma, com a chegada do segundo avião, Bueno narra com um fundo de música instrumental e com o barulho do próprio avião: “Chega um segundo avião com as vítimas. Jogadores, comissão técnica, dirigentes, jornalistas”. A convocação de Bueno para a participação na reportagem de Burnier faz uma remissão ao contexto do esporte, em especial do futebol. Neste caso, a voz que está presente nas vitórias esportivas é a mesma acionada para o momento de prestação de condolências.

Ainda na reportagem de Burnier, após narração da chegada dos dois aviões a Chapecó e a convocação de diversas fontes conhecidas no cenário brasileiro - como o presidente Michel Temer e o técnico da seleção brasileira de futebol, Tite - o repórter, em *off* cobrindo a imagem dos dois aviões em meio à chuva, enfoca: “Se até então a tragédia estava distante, agora ela abraçou a pequena cidade do oeste catarinense”. O *off*, com a utilização de linguagem figurada, fez referência a um contexto emotivo da proximidade física dos mortos com a cidade do time e com o retrospecto emotivo gerado por essa chegada dos caixões. É enfatizado, pelo repórter, que os caixões são conduzidos por sargentos do Exército Brasileiro.

Os mortos na tragédia receberam as honras de grandes personalidades do país, apesar de, em vida, não possuírem tamanha notoriedade. Foram homenageados pelo presidente daquele momento; os caixões receberam as confrarias ritualísticas semelhantes a chefes de estado; o funeral, amplamente midiaticizado, foi narrado como o mais importante evento futebolístico - uma copa do mundo. A combinação desses elementos não é recorrente nos relatos sobre a morte na seara brasileira - a tragédia em grandes proporções trouxe também elementos novos para a construção do discurso da morte no telejornalismo do país, em especial no JN. Neste momento, o telejornal remete à identidade nacional - a construção da proximidade com aqueles personagens também aciona o sentimento de que todos conheciam as vítimas, ou de que os mortos os representavam, simbolicamente, através do futebol. Os corpos mortos são transportados por membros das Forças Armadas do Brasil, que têm significação de representatividade em relação à pátria. E a postura dos militares, na condução dos caixões, remete a uma posição convencionalizada que indica respeito com os falecidos.

Voltando à linha de observação dos recursos tecnológicos utilizados pelo JN na cobertura da tragédia da Chapecoense, vídeos amadores feitos no aeroporto, evidenciando a rotina dos jogadores a caminho da viagem, são exibidos no telejornal. Os vídeos operam

na produção do sentido de que os jogadores e membros da comissão técnica estavam em momento de alegria pela participação no jogo na Colômbia e que eram importantes para o contexto futebolístico. Também reforçam o traço cotidiano do contexto que envolvia aquelas mortes até culminar na interrupção abrupta e repentina das vidas. Tais recursos dão continuidade a uma condição contemporânea incorporada aos telejornais: o uso de imagens sem tratamentos estéticos. Ao mesmo tempo em que aproximam o espectador daquilo que vê, ao colocá-lo no lugar de observador e participante (já que a imagem é produzida no momento do acontecimento), reforçam os valores da simultaneidade dos fatos. Além disso, são uma marca que localiza os telejornais no momento contemporâneo, já que a característica dominante consolidada no telejornalismo hegemônico brasileiro gira em torno do tom de profissionalismo estético e imagético - que não aparece nos vídeos amadores. Tal elemento nos remete às câmeras escondidas, uma prática bastante criticada eticamente no jornalismo, mas que nos apresenta uma espécie de evidência de verdade no relato dos fatos.

No caso da cobertura do JN da tragédia da Chapecoense, as tecnologias foram convocadas em diversas concepções. Além dos vídeos amadores, infográficos foram utilizados para evidenciar determinados momentos do acontecimento e simulações computadorizadas de momentos do voo foram realizadas. O discurso construído pelas formas tecnológicas demonstra uma complementação de sentido aos demais textos do programa. E na relação com a morte, apresenta o outro lado do relato que não está vinculado à emoção do ocorrido, mas a uma possibilidade de explicação plausível do fato, além de oferecer uma ilustração - dado a falta de imagens do ocorrido. Tais elementos não são novos no telejornalismo do JN, embora com o passar do tempo as imagens se tornem mais aprimoradas. Os infográficos permeiam a história do JN. Já na Guerra do Golfo Pérsico, que ocorreu entre 1990 e 1991; eles foram acionados na cobertura do evento. Naquela ocasião, davam informações explicativas do que estava acontecendo e ajudavam a suprir a falta de algumas imagens. Nos casos de morte na contemporaneidade, no JN tem sido comum a verificação do uso desses recursos com funções semelhantes a destacada anteriormente.

A construção do cenário da morte no caso da Chapecoense também fez parte da pauta do JN na semana da ocorrência:

Era madrugada na Colômbia quando as equipes de resgate começaram a chegar ao local, duas horas depois do acidente. Por causa da chuva, o acesso era bem difícil. No meio da es-

curidão, bombeiros e socorristas iniciaram a busca por sobreviventes. O trabalho era difícil, mas aos poucos, encontram gente com vida. Começa o transporte para o hospital.

Este trecho é parte de um *off* de Marcos Uchôa - usado em reportagem sobre os resgates das vítimas - levado ao ar na edição do dia 29 de novembro. Na fala do repórter, ocorre a construção de uma espécie de cenário da morte. É importante destacar o lugar ocupado pelo repórter Marcos Uchôa na construção de reportagens telejornalísticas. Ele, normalmente, não produz pautas recorrentes no JN e foca em reportagens especiais, tendo sempre como marca estilística a construção de crônicas que levam o espectador a refletir ou se emocionar. São reportagens menos factuais e que, na relação com a morte, articulam-se a questões de acontecimentos de grande destaque. Isso nos deixa ver o lugar que a tragédia ocupou no JN, e, nesse sentido, quais as lógicas produtivas acionadas para a construção de discursos. Não está relacionada apenas à quantidade de mortos, nem a quem esses mortos eram, mas quem eles se tornaram depois de mortos.

Nesse cenário, algumas marcas operam, como a reiteração das dificuldades de chegada ao local da tragédia, dificuldades impostas pelo escuro da madrugada, dificuldade do resgate e presença de vida em meio à destruição. O *off* é falado de forma calma, dando espaço para a voz do socorrista clamando por ajuda. E na construção do texto da reportagem, evidencia-se uma combinação de diversos elementos, do âmbito verbal, imagético e sonoro, que são importantes para a produção de sentidos.

Na cobertura do JN do caso da Chapecoense, um dos pontos enaltecidos foi a repercussão da tragédia. Em relação ao assunto, o telejornal, na edição do dia 29 de novembro, acionou as manifestações de carinho pelos outros times ao redor do mundo, construindo o sentido de que o futebol forma laços sem fronteiras, sendo mais que um elemento ligado à constituição da identidade brasileira.

Em reportagem do correspondente da Rede Globo em Londres, Pedro Vedova, transmitida no dia da tragédia, as principais homenagens são demarcadas. Há uma circulação de sentidos operando na construção de uma lógica de consternação e tristeza. E o olhar de grandes times acerca da tragédia é convocado para a reportagem:

As cabeças galácticas se abaixaram em respeito. A seriedade de Cristiano Ronaldo; o olhar distante do brasileiro Marcelo. O Real Madrid ficou calado antes do treino”; “O Benfica, de Portugal, não parou no silêncio. Prometeu bem alto a solidariedade e a disponibilidade na criação de condições para minorar o sofrimento e superar a perda desportiva”; “Os jogadores do Barcelona compartilharam a tristeza pela Chapecoense. O carinho do maior do mundo

foi enorme”; “O choro foi de todo o futebol. A Fifa declarou que seu pensamento está com as vítimas, famílias e torcedores.

Nas palavras de Vedova, há uma convocação do espectador para a dimensão do acontecimento e sua significação para o futebol em nível mundial. Grandes nomes do futebol, que geralmente chegam à casa das pessoas através dos meios de comunicação por causa de seus gols, estão sendo acionados para fazer remissão à tristeza pela perda dos companheiros de profissão. A identidade do futebol mundial está sendo convocada como tendo ligação com a tragédia da Chape. Há a produção do sentido de que o esporte está unido em meio à dor da perda. O texto verbal proferido por Pedro Vedova é encadeado com textos imagéticos que evocam respeito, consternação e tristezas.

Como também morreram jornalistas na tragédia, um ponto interessante da cobertura foi o olhar do JN e de seus jornalistas acerca da morte de colegas de profissão. A apresentadora Giuliana Morrone, ao introduzir a reportagem do falecimento dos colegas na edição do dia 29 de novembro, demonstra estar visivelmente consternada:

Vinte e um jornalistas estavam no avião que caiu na Colômbia. Vinte deles morreram nessa tragédia. Eles viajavam com os jogadores para contar para todo o país a última etapa dessa campanha histórica da Chapecoense na Copa Sul-Americana. Entre os 20 mortos, três eram da TV Globo e cinco do grupo RBS.

As palavras de Giuliana acionam um olhar para a atividade do jornalista de contar histórias, no caso, de relatar ao Brasil os acontecimentos do jogo da final da Copa Sul-Americana, mas não apenas isso. É como se o lugar ocupado por eles fosse maior ou igual ao dos atletas, já que não é dado o mesmo destaque aos tripulantes ou a outros profissionais do esporte que estavam no voo. O texto trata a campanha do time catarinense na Copa que estava participando como histórica, enaltecendo as vítimas da tragédia. E em relação aos jornalistas falecidos, o discurso da apresentadora remete a um olhar institucional na circunstância da retratação da morte, dando destaque aos jornalistas falecidos da Globo e da RBS, afiliada da emissora; um destaque dado não apenas em autorreferência, mas também ao fato de a RBS ser da Rede Globo - como se fossem mais importantes ou relevantes.

Os discursos sobre os repórteres mortos enunciaram um sentido de construção voltado a destacar as virtudes de seus trabalhos e demonstrar alguns momentos de suas vidas. A narrativa telejornalística é construída com um tom de emotividade, o qual tem sido evidenciado em outros momentos da cobertura. O repórter Eric Faria enuncia:

Informação. Emoção. São as nossas ferramentas no jornalismo esportivo. E a Chape estava oferecendo um roteiro delicioso. Matéria-prima de primeira. Éramos 20 no avião e outros tantos nas redações à espera dessa final inédita. Infelizmente, esse jogo acabou sem começar.

As palavras de Eric cobrem imagens de momentos dos jornalistas falecidos no trabalho e dividem espaço sonoro com música instrumental e áudios relativos a coberturas esportivas, como narração e barulho de torcida. Quando Eric fala “Éramos 20 no avião e outros tantos nas redações à espera dessa final inédita”, ele inclui os jornalistas mortos em uma comunidade muito maior. Remete à existência de uma comunidade jornalística.

O discurso de Eric faz referência à rotina da profissão. Quando diz “Dessa vez doeu estar perto da notícia. Doeu ser a notícia. Companheiros de trabalho queriam, sim, mostrar uma outra história”, ele aponta a morte como notícia; salienta que os jornalistas passaram a ser notícia através da sua morte, remetendo à ideia de Traquina (2005) de que a morte é um critério de noticiabilidade importante no jornalismo - pela forma como morreram.

O repórter Eric Faria gravou a passagem da matéria ao lado de uma câmera, reiterando a homenagem aos falecidos e à profissão de jornalista. Ao gravar a passagem dessa forma, o repórter faz uso de um elemento primordial no percurso de execução de uma reportagem televisiva e convoca olhares para a profissão e para a cultura jornalística, demonstrando que os elementos da rotina da redação foram trazidos como forma de homenagem em um momento de morte.

Diversos jornalistas falecidos tiveram espécies de obituários construídos durante a matéria, com ênfase em alguns pontos da vida pessoal e virtudes profissionais no campo do jornalismo. Repórteres da TV Globo tiveram bastante destaque na matéria, remetendo, mais uma vez, à perspectiva institucional.

Foi marcante na cobertura do dia do acidente aéreo a apresentação de uma lista, com os nomes dos mortos, em tela inteira, no final de cada bloco. Os nomes tomaram a tela por vários segundos. Tal prática não é habitual no horário nobre e nas rotinas do JN. E a finalização do telejornal também fugiu das práticas habituais do telejornal. Os dois apresentadores do dia, Heraldo Pereira e Giuliana Morrone, juntamente com o comentarista Galvão Bueno, ficaram em pé - e também a redação toda atrás deles - com expressões faciais de tristeza, e homenagearam os mortos. O fato de não ser habitual marca os propósitos do uso dos recursos cenográficos a favor da construção discursiva

da morte pela tragédia. Ao fundo, os rostos dos falecidos foram passados no telão. Galvão Bueno demonstrou emoção e convocou as palmas:

Só nos resta, então, uma última homenagem para os jogadores, a comissão técnica e os dirigentes da Chapecoense. E para os jornalistas de todos os veículos que nos deixaram nesta terça tão tragicamente. Todos nós, na redação do Jornal Nacional, de pé, juntos, damos uma salva de palmas.

Todos bateram palmas, a câmera foi se distanciando e pegando as imagens em planos mais abertos. Os membros do telejornal foram abarcados de cima, enquanto ainda batiam palmas. Tal homenagem foi possível pelo momento histórico e tecnológico do JN, que envolve tecnologias avançadas e uma linha editorial mais informal, voltada para a aproximação com o público. Novamente, o JN mostrou tensionamentos à lógica mais “sisuda” de transmissão e recorreu à perspectiva da comoção.

E a homenagem simboliza um olhar para uma morte coletiva que ceifou a vida de jornalistas e pessoas ligadas ao futebol em uma mesma tragédia. A redação, formada por jornalistas de diversas áreas e simbolizando a cultura da profissão, curva-se a todas as vítimas do acidente. Jornalismo e esporte juntos em uma mesma cobertura e na mesma tragédia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostra-se impossível a realização de uma síntese sobre a riqueza de uma experiência de pesquisa voltada para a observação da constituição dos discursos sobre a morte no Jornal Nacional. Resta-nos, então, o reconhecimento de que há uma complexidade intrínseca aos discursos do telejornalismo e às formas que ele aciona a morte para seus espaços.

A discussão sobre a finitude humana é permeada de complexidades, as quais foram se manifestando e deixando pistas e impressões no desafio do estudo empírico. Para a busca de entendimentos sobre a constituição dos discursos sobre a morte no JN, tomamos como base teórica os Estudos Culturais. No âmbito da realização da pesquisa à luz desse campo de estudo, tomamos como visão teórico-metodológica os conceitos de gênero televisivo como categoria cultural e de estrutura de sentimento. Em relação aos gêneros, levamos em consideração os olhares de Mittell (2001) de que os eles têm ressignificações no decorrer do tempo e que, em determinados momentos, um gênero

pode se mostrar de forma estável; já em outros momentos, ele pode operar de forma diferente. Ao tratarmos da constituição de discursos sobre a morte, cabe apontar que as transformações no telejornal implicam formas diferentes de olhar para o fim da vida e construções discursivas sobre o tema, também com transformações no decorrer do tempo. As construções dos discursos telejornalísticos sobre a morte estão entrelaçadas com questões culturais, sociais e tecnológicas.

Em se tratando do JN, cabe apontar que ele foi tendo ressignificações no decorrer de seu processo histórico; os delineamentos jornalísticos da emissora e a postura dos repórteres também tiveram transformações. Mas continuidades também ocorreram e perspectivas de diversos momentos do Jornal Nacional coexistiram na cobertura da queda do avião da LaMia. Em relação aos discursos da morte, o atual momento do telejornalismo e as transformações que o subgênero telejornal têm passado no decorrer do processo histórico implicam construções de narrativas telejornalísticas respaldadas em discursos mais voltados para a demonstração de naturalidade e proximidade com o espectador.

O subgênero telejornal foi tendo novos delineamentos com o desenvolvimento da tecnologia e com a inserção de elementos tecnológicos no seu cotidiano. Na cobertura da tragédia da Chapecoense, pelo JN, o uso da tecnologia evidenciou mais dinamismo e proximidade com o público. Cabe apontar a presença do telão no cenário do telejornal, que proporcionou a possibilidade de os repórteres, no local do acontecimento, falarem com os apresentadores, ocasionando um efeito de proximidade do público com a tragédia. E o aprimoramento de recursos, como infográficos, possibilitou aos espectadores informações mais amplas e com mais esclarecimentos sobre os fatos.

É ponto cabível de ponderação e de evidenciação a exploração de emoções diante do fim da vida na seara do JN. Na cobertura observada, foram acionados, diante das câmeras, os sentimentos de diversas pessoas relacionadas ao caso apresentado. E, no caso da morte de pessoas públicas, a comoção popular teve ênfase e deu respaldo para a constituição dos discursos telejornalísticos.

Ficou evidente que as mudanças tecnológicas dão bases para ressignificações no telejornal e demarcam o momento histórico e tecnológico em que ele se encontra. Os discursos sobre a morte no telejornal são perpassados por elementos ligados ao contexto

histórico e tecnológico do telejornal, por relações de poder e de institucionalidade, além de bases relacionadas à cultura, sociedade e técnica.

REFERÊNCIAS

- EMERIM, Carlida; BRASIL, Antônio. Coberturas em telejornalismo. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife: Intercom, 2011.
- GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista E-Compós**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 111-130, jan.-abr. 2007.
- GOMES, Itania Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Famecos - mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 111-130, 2011a.
- GOMES, Itania Maria Mota. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: Itania Maria Mota Gomes; Jeder Janotti Junior (Orgs.). **Comunicação e Estudos Culturais**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2011b. p. 29-48.
- GOMES, Itania Maria Mota. Estabilidade em Fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife: Intercom, 2011c.
- GOMES, Itania Maria Mota; ARAUJO, Valéria Villas Boas. “Ai, que infortúnio!” Disputas de gênero em um produto da indústria pop. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Orgs.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.
- GUTMANN, Juliana Freire. Sobre performance e historicidade: uma abordagem estética e cultural da MTV Brasil. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 18, p. 1-16, maio-ago. 2015.
- GUTMANN, Juliana Freire. Quando ruptura é convenção: o programa Gordo a Go-Go como espaço de experiência do talk show. **Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, p. 60-78, dez.-mar. 2014.
- MACHADO, Alisson; TOMAZETTI, Tainan Pauli; MORAES, Ana Luiza Coiro. Intelectuais como fontes experts da mídia: estruturas de sentimento dominantes, residuais e emergentes na cobertura das manifestações de rua no Brasil. V Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, 2013, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: Sipecom, 2013.
- GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. 2012. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.
- MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- MITTELL, Jason. A cultural approach to television genre theory. **Cinema Journal**, Austin, v. 40, n. 3, p. 3-24, 2001.

MOTA JUNIOR, Edinaldo. **Transformações do popular na Rede Globo - uma análise cultural dos programas de Regina Casé**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. **Mídia e Memória: uma breve análise do uso dos meios de comunicação na construção da memória coletiva e individual**. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 2014, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Intercom Nordeste, 2014.

REDE GLOBO. **Princípios editoriais do grupo globo**. Disponível em: <https://glo.bo/2pYDZG9>. Acesso em: 13 abr. 2019.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. **A mídia e a construção do biógrafo: sensacionalismo da morte em cena**. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 1, maio 2000.

SIMMEL, George. **A metafísica da morte**. Trad. Simone Carneiro Maldonado. **Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 14, n. 14, p. 177-182, set. 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. 2. ed. London: Routledge, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

YOUTUBE. **Incêndio no Edifício Andorinhas Jornal Nacional 1986**. Disponível em: <https://bit.ly/2lsjtdt>. Acesso em: 29 out. 2017.

NOTAS

1. Emerim e Brasil (2011, p. 4; grifo dos autores) caracterizam uma grande cobertura: “Assim, uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas ou, pelo menos, as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística”.
2. De acordo com reportagem do Portal Terra de 14 de dezembro de 2017, naquele ano, o Jornal Nacional teve uma média anual de audiência com proximidade aos 30 pontos. E terminou o ano como uma das produções televisivas mais contempladas na televisão do Brasil. A reportagem ainda assinala que os telejornais das emissoras concorrentes à Globo tiveram performances que podem ser consideradas medianas (Jornal da Record teve uma média de oito pontos; o SBT Brasil teve uma média de seis pontos; o Jornal da Band teve uma média de cinco pontos, e RedeTV News fechou o ano de 2017 com média de um ponto). Disponível em: <https://bit.ly/2WWMVeLK>. Acesso em: 13 abr. 2019.
3. Disponível em: <https://bit.ly/2lsjtdt>. Acesso em: 09 abr. 2018.

Artigo recebido em: 09 de abril de 2018.

Artigo aceito em: 28 de maio de 2019.